

## RESPONSABILIDADE MORAL E NEOKANTISMO SOBRE A QUESTÃO METAFILOSÓFICA

[MORAL RESPONSIBILITY BETWEEN KANTIANISM AND NEO-KANTIANISM: ON THE METAPHILOSOPHICAL QUESTION]

*Lyon Alves \**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

**RESUMO:** O tema da responsabilidade moral, mais especificamente o problema filosófico sobre nossos atos de louvor e censura, é comumente teorizado a partir da correlação entre conceitos gerais e sua relação com a experiência intersubjetiva. As variações e discordâncias sobre o tema podem ser compreendidas e superadas se forem analisadas à luz de sua natureza filosófica, envolvendo a raiz metafilosófica e metodológica da responsabilidade moral. Com isso, as questões centrais da presente arguição são: por que a responsabilidade é um problema filosófico? Qual é a raiz de sua inquirição? Para contemplar tais questões, faz-se necessário cotejar teorias que se encontram no contexto britânico dos séculos XIX e XX, época na qual o artigo mais influente sobre o tema foi escrito por P. F. Strawson, e sua compreensão do problema moral como resultado de um movimento filosófico que pode ser rastreado até o neokantismo. Não obstante o fato de podermos traçar diferenças entre o contexto analítico britânico e o neokantismo, é necessário antes entender que ambos os programas estão interligados por uma oposição comum ao cientificismo e ao psicologismo, e que ambas as perspectivas gestam-se a partir da derrocada do idealismo hegeliano (mesmo

**ABSTRACT:** The topic of moral responsibility, specifically the philosophical problem of our acts of praise and blame, is commonly theorized through the correlation between general concepts and their relation to intersubjective experience. Variations and disagreements on the topic can be understood and overcome if analyzed in light of its philosophical nature, involving the metaphilosophical and methodological roots of moral responsibility. The central questions are: why is responsibility a philosophical problem? What is the root of this inquiry? To address these questions, it is necessary to compare theories from the British context of the 19th and 20th centuries, during which P. F. Strawson wrote the most influential paper on the topic. His understanding of the moral problem is linked to a philosophical movement traceable to neo-Kantianism. Despite differences between the British analytical context and neo-Kantianism, both programs are interconnected through a common opposition to scientism and psychologism, emerging from the downfall of Hegelian idealism (albeit from different fronts). Thus, by comparing Strawson and Cassirer, we aim to find a thread that allows for a proper fixation of the philosophical problem, approaching both authors—albeit tenuously—

\* *Doutorando e Mestre em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com pesquisa na área de responsabilidade moral e Inteligência Artificial. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). E-mail: [alves\\_lyon@outlook.com](mailto:alves_lyon@outlook.com)*

que em diferentes frentes). Assim, será por meio da comparação entre Strawson e Cassirer que buscaremos um fio que torne possível a correta fixação do problema filosófico a partir da compreensão metodológica que aproxima – mesmo que seja uma aproximação tênue – ambos os autores à luz de um problema metafilosófico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Responsabilidade moral; Neokantismo; Strawson; Cassirer; Metafilosofia

through a metaphilosophical issue.

**KEYWORDS:** Moral Responsibility; Neo-Kantianism; Strawson; Cassirer; Metaphilosophy

## INTRODUÇÃO

O interesse da presente arguição é o de fixar filosoficamente o problema da responsabilidade moral sob as bases dos pressupostos metodológicos no desenvolvimento deste tema na filosofia britânica, mais especificamente como a pensou Peter Frederick Strawson; ressaltando, assim, que a teoria dos sentimentos morais, por ele defendida, não nasce ab ovo, mas gesta-se a partir da necessidade de definir o próprio estatuto filosófico frente às ciências naturais e ao psicologismo. Com isso, destaca-se que a raiz histórico-filosófica à qual a filosofia analítica britânica desenvolve-se em meados do século XX tinha como pano de fundo a imperiosa busca por uma definição metafilosófica, e que tal necessidade é fruto da derrocada do idealismo no século XVIII e de um programa filosófico como uma resposta à crise da filosofia.

No capítulo 1 e 2, descreveremos o desenvolvimento filosófico analítico britânico como uma “herdeira” de questões que passaram a ser centrais no neokantismo.

No capítulo 3, a partir da concepção strawsoniana, versaremos sobre o kantismo como base da fixação do problema moral.

No capítulo 4, o enfoque será sobre as formas pelas quais Cassirer e Strawson consideram a questão do agente moral, destacando que ambos colocam o ser humano no centro do ponto de análise da moral.

Como conclusão, defendemos que tanto a filosofia strawsoniana quanto a cassireriana possuem como questão central a “crise da filosofia”. E que ambos são um exemplo de complementariedade quanto à resposta dada à questão, sendo que Strawson não dista do pensamento neokantiano, pelo contrário, até mesmo pode ser identificado como um neokantiano analítico.

## 1.CONTEXTO ANALÍTICO

O nosso propósito é problematizar como a questão sobre a moralidade pode aproximar a tradição analítica do neokantismo, mais especificamente o neokantismo de Marburgo. Assim, tendo por um lado Strawson e, por outro, Cassirer como dois teóricos no nosso plano comparativo. Apesar de que a defesa de similaridade entre questões morais entre Strawson e Cassirer possa parecer, para muitos, algo absurdo, pois isso seria também uma tentativa de conciliar dois métodos distintos, há pontos de contato que não só permitem uma comparação positiva, mas também uma complementariedade.

Seguiremos, portanto, sob a ótica da comparação positiva entre ambos os autores, fixando, assim, um problema que não se dilua na distinção entre filosofia analítica e filosofia continental. Para tal, precisamos retornar ao momento que marca uma virada na resposta metafilosófica frente à “crise da filosofia”.

É em G. E. Moore e também com Bertrand Russell que podemos colocar um marco para o início da tradição analítica, principalmente quando o tópico é a moralidade, a ética, pois é com ambos os autores que temos uma virada na filosofia britânica; e é no debate a partir deles que a questão ética se torna uma teorização sobre a natureza da responsabilidade do agente a partir da teorização da estrutura da linguagem. Isso, por sua vez, passou a ditar o enfoque dado à elucidação de sentenças pelos quais se expressam louvor e censura moral (HAMPSHIRE, 1949, p. 467). É também a partir desses autores que se marca não apenas um distanciamento do empreendimento filosófico britânico em relação ao empirismo clássico, mas, sobretudo, a derrocada do Idealismo Absoluto que dominava a filosofia britânica no final do séc. XIX (HACKER, 1996, p. 5). Foi em 1898 que Moore, em sua dissertação intitulada “The Metaphysical Basis of Ethics”, marcou a oposição ao hegelianismo em Cambridge. A mesma oposição ao idealismo hegeliano ocorreu em Oxford por meio de John Cook Wilson.

Isso que descrevemos como “derrocada do idealismo absoluto” não pode ser entendido como um plano uniforme e uma tendência com características semelhantes ao movimento neokantiano alemão. Muito embora possamos estabelecer similaridades entre os dois desenvolvimentos filosóficos (alemão e britânico), não seria algo factível, dado o espaço, a elucidação das variegadas formas de fazer e teorizar sobre os problemas da filosofia analítica em comparação com o contexto alemão. Vide, por exemplo, que o idealismo hegeliano tinha uma valia distinta em termos programáticos no contexto britânico em comparação ao empreendimento filosófico alemão.

In its early phase Absolute Idealism met two needs in social and intellectual thought: it provided a defence of Christianity against threats from science (in particular, Darwinism and geology) and German biblical historical scholarship, hoping to reconcile science and religion in a ‘higher synthesis’; and it advocated an ethics of social responsibility in opposition to both utilitarianism and social Darwinism, thus contributing to the non-Marxist, Christian socialist roots of the subsequent ideological development of the British Labour party. (HACKER, 1996, p. 5).

Seguindo a rota do desenvolvimento do pensamento moral em Oxford, sob a orientação de J. Cook Wilson, mas em oposição a ele, temos uma das figuras mais importantes do pensamento moral britânico. É com Harold Arthur Prichard que uma nova versão de intuicionismo passa a marcar a discussão entre as noções de deveres e culpa em oposição à busca pela definição do *bom*, conforme Moore. Com Prichard, marca-se uma tendência teórica moral, a saber, a influência kantiana para a análise das sentenças que expressam julgamentos de valores morais em contraposição aos juízos de fatos. Este movimento passou a ser o mote teórico da pesquisa ética em Oxford (HAMPSHIRE, 1949, p. 466).

Destacam-se, assim, os inúmeros escritos posteriores sob o mesmo prisma, defendendo a independência lógica entre crenças morais e empíricas, que marcaram as distinções (em alguns casos, semelhanças) entre *liability* e *accountability*, vontade (will) e desejo, liberdade e necessidade, dever e culpa etc.

Poucas décadas depois, e em relação às querelas filosóficas referentes ao determinismo da ação, um dos mais importantes textos sobre o tema da reponsabilidade moral foi publicado: “Liberdade e ressentimento” (1960), e o não menos importante (mas infelizmente menos problematizado), “Moralidade social e ideal individual” (1961). É em Strawson que temos a reabilitação da metafísica em um contexto avesso a ela, com uma estreita relação entre sua maneira de teorizar e a de Kant. “Dada essa relação, não seria exagero afirmar que Strawson é o principal responsável pela apropriação da filosofia kantiana pela tradição analítica e por assentar as bases do assim chamado kantismo analítico” (FALKENBACH, 2019, p. 90). Devido ao seu empreendimento filosófico, Strawson é descrito por Hacker (1996, p. 154) como um neokantiano.

## 2. NEOKANTISMO E TRADIÇÃO ANALÍTICA

Começamos mencionando Moore e Russell, dois autores que podem ser considerados os precursores de um novo “fazer filosofia” no contexto britânico. Tanto em Cambridge quanto em Oxford, havia, entre os precursores na filosofia analítica, uma oposição ao kantismo e ao neokantismo. No entanto, isso passa a se modificar com Prichard, e ganha ainda mais camadas com a interpretação strawsoniana da *Crítica da Razão Pura* no livro *The Bounds of Sense*. Este livro, complementar ao seu pensamento expresso em *Indivíduos e Análise e Metafísica*, marca aquilo que se colocava como necessidade primária ao filósofo de sua época. Este primeiro estágio diz respeito ao próprio estatuto do fazer filosofia frente às ciências naturais. E é neste ponto que podemos traçar o paralelo entre Cassirer e Strawson. Antes, porém, faz-se necessário apresentar as características gerais do neokantismo, no nosso caso aquela à qual pertence Cassirer.

### 2.1. Neokantismo

Mais que um movimento filosófico entre vários, o neokantismo marca o que conhecemos atualmente por filosofia contemporânea, e nisto tanto a fenomenologia-hermenêutica quanto a filosofia analítica são fruto do empreendimento neokantiano; movimento que se originou após o ocaso do idealismo hegeliano a partir de 1831.

Na gênese do neokantismo encontra-se Adolf Trendelenburg, filósofo alemão que foi arquiteto de uma compreensão pós-idealista de filosofia (CHRISTIAN, 2021, p. 28); processo que depreende-se de seu escrito *Logische Untersuchungen*, de 1840. Mas é a partir de 1860 que o neokantismo ganha força como resposta a dois problemas, que são: a “controvérsia materialista” e “a crise da filosofia”. Este último problema é o que nos servirá como um “teorema de Thévenin” para análise daquilo que é equivalente entre a filosofia de Cassirer e Strawson.

“A crise da filosofia” tem como questão embrionária algo que impelira a necessidade de justificação do fazer filosofia também no contexto britânico. Em síntese, “a crise da filosofia” origina-se do fato das ciências naturais cobrirem a realidade sem a necessidade de um fundamento metafísico, sem a necessidade de aporte filosófico,

Now that the empirical sciences covered every sphere of reality, and now that the

old a priori methods of speculative idealism had proven themselves bankrupt, it seemed as if there was no place anymore for philosophy in the globus intellectualis. What, then, should philosophy be? What could it do? To many, it seemed as if philosophy were obsolete, as if it had nothing more to offer than the hocus-pocus of metaphysics. (BEISER, 2017, p. 6).

É a partir da noção de *movimento* que o neokantismo se posta como uma superação à “crise da filosofia”; destacando-se, assim, seu núcleo epistemológico. Dito de outra forma, o pressuposto de uma concepção filosófica ainda possível e que tem como desafio principal a sua natureza de ser frente às ciências da natureza deve superar a ânsia de uma estrita correlação entre sujeito-objeto - como, por exemplo, era o intento do sistema hegeliano – por meio de uma alteração no foco teórico, reestruturando o núcleo para uma definição possível em termos metafilosóficos. Com isso, passa a imperar a busca teórica (filosófica) pela correlação entre o que pensamos, registramos a nível sensível e como é possível verdades sobre as coisas dentro da estrutura espaço-temporal; ou seja, trata-se das condições de possibilidade da experiência e do conhecimento.

Portanto, o neokantismo tem como resposta à “crise da filosofia” não a negação da importância das ciências da natureza, pelo contrário, nesta nova perspectiva toma-se por base uma visão positiva do empreendimento científico ao indicar que é em sua teoricidade sobre os fenômenos do mundo, tais como nós os concebemos, que impera uma forma de idealismo (transcendental) que é inerente às nossas descrições. Assim, por um lado, o movimento neokantiano marca uma oposição ao psicologismo e ao idealismo hegeliano e, por outro, defende um maior contato entre filosofia e ciências naturais.

Nesse plano podemos considerar o pensamento de Cassirer, cuja obra magna de seu pensamento é *Filosofia das formas simbólicas*. Obra esta que reflete sobre as relações entre epistemologia, matemática e física.

Grosso modo, Cassirer afirma que qualquer modelo teórico – não sendo mais visto com lei – possui uma estrutura não empírica pressuposta.

Fundar a objetividade da ciência era para Kant sinônimo de fundar a objetividade da lei; para Cassirer, sinônimo de fundar a objetividade da “teoria”. Sua tese básica, formulada em termos contemporâneos e não cassirerianos, será que as “entidades teóricas” não são elimináveis da ciência, nem são redutíveis a “entidades observacionais. A legitimidade das entidades teóricas se segue do fato de serem imprescindíveis para a teoria e de esta ser imprescindível para a ciência. (PORTA, 2011, p. 53).

É no quadro argumentativo entre a oposição entre as *Geisteswissenschaften* e *Naturwissenschaften* que Cassirer acaba por indicar que estes possuem não uma oposição, mas uma confluência quanto aos seus problemas. É a partir da afirmação de que as ciências são apenas uma das formas simbólicas pelas quais descrevemos o mundo, mas que esta não é a única forma válida de descrição, que Cassirer defende que as formas simbólicas são um idealismo pluralista, sendo sua tese principal a de que há diversas formas igualmente legítimas de descrição sobre o mundo (PORTA, 2011, p. 60).

Não é possível apresentar em poucas linhas a amplitude e densidade teórica deste movimento. Mas é a partir desta breve síntese que podemos agora falar do estatuto metafilosófico implícito à teorização neokantiana. No nosso caso, a concepção de

Cassirer e a filosofia analítica a partir de Strawson. Para tal, devemos analisar como a resposta neokantiana à “crise da filosofia” impactou a filosofia analítica.

## 2.2 Metafilosofia, neokantismo, a tradição analítica e Strawson

Até aqui podemos dizer que se o neokantismo passa a ser o movimento hegemônico após a derrocada do idealismo hegeliano, é principalmente devido ao fato de que tal movimento pretende ser uma resposta à “crise da filosofia”; por ser substancialmente uma resposta sobre o que é filosofar, sobre qual é sua natureza e seu estatuto como área de conhecimento. Cabe, portanto, verificarmos essa mesma questão no desenvolvimento teórico analítico, para então entendermos quais são as possibilidades de avançarmos para o último nível de nossa arguição, que é o de fixar os pontos de contato na formulação da questão moral entre Strawson e Cassirer.

Afirmamos que, com Moore e Russell, temos um marco no desenvolvimento analítico. No entanto, tal empreendimento não pode ser visto em sua razão de ser, senão em contato com as mesmas questões que estão no princípio da filosofia contemporânea, pois “tanto Russell quanto Moore são impensáveis sem a ‘conexão austríaca’: é em torno do ‘psicologista’ Brentano e de sua escola que se estabelecem as bases da análise da linguagem” (PORTA, 2011, p. 18). E isso nos leva até Trendelenburg, pois foi sob sua orientação e influência que, tanto Brentano, quanto Dilthey e Cohen desenvolveram suas próprias concepções (PORTA, 2011, p. 20).

Mas o contato direto entre o neokantismo e a filosofia analítica se dá principalmente pela via Frege-Wittgenstein-Strawson. Em Frege temos a defesa de uma ideia a priori e autônoma da filosofia em oposição ao naturalismo e ao psicologismo. E Wittgenstein desenvolve seu trabalho sob a influência tanto de Kant quanto de Frege (GLOCK, 2015, p. 67). Strawson herdará a mesma necessidade de justificação da razão de ser da filosofia sob a influência de Kant e Wittgenstein.

Neste íterim, podemos afirmar que as semelhanças entre neokantismo e a filosofia analítica são as seguintes:

- Apriorismo teórico.
- Ênfase na estrutura lógica;
- Proximidade com as ciências naturais;
- Antipsicologismo.

O processo de influência e divergências é, de fato, muito mais amplo, envolvendo inúmeros filósofos, entre eles: Carnap, Quine, Ryle, Austin, entre outros. Mas seguimos sob o pano de fundo da questão metafilosófica, sob a qual verificaremos o que torna esse processo tão complexo em algo passível de se ver também no pensamento moral de Strawson.

## 3, STRAWSON E SUA DEFINIÇÃO DE FILOSOFIA

O contexto filosófico no Reino Unido no séc. XX tinha como tema central a definição do papel da filosofia por meio da pergunta “o que é a filosofia?”. Esse tema era visto em grande parte a partir de duas perspectivas distintas, que gravitavam em

torno de duas concepções centrais, a saber, as de Austin e de Wittgenstein, duas posições emergentes no período. Em Oxford, as duas tendências também norteavam o método de pesquisa, no qual Ryle se destacava em oposição a Austin. Strawson, sob a orientação de Ryle, se aproximou da filosofia wittgensteiniana, principalmente em sua fase tardia (TECHIO, 2019, p.190). Strawson também teve contato com as cópias piratas das aulas ministradas por Wittgenstein em Cambridge após 1929.

A resposta considerada para a questão “o que é a filosofia e qual a sua tarefa?” é tida com base em Wittgenstein, pois a visão clara do funcionamento dos nossos conceitos é, em Strawson, uma continuidade do Wittgenstein maduro, ou o Wittgenstein do Livro azul e Investigações Filosóficas. No entanto, Strawson diferencia-se do filósofo austríaco ao defender a necessidade da alteração metodológica a fim de explicitar a conexão entre linguagem ordinária e científica; ou seja, para além de uma abordagem terapêutica impõem-se à filosofia analítica a necessidade de teorizar sobre a face positiva de uma estrutura não teórica do conhecimento, uma vez que a estrutura conceitual humana possui um elemento pré-teórico presente de forma natural (STRAWSON, 2019, p.14). Referente a isso, diz o autor:

Na relação com os outros e com o mundo, operamos com um equipamento conceitual de enorme riqueza, complicação e refinamento; mas o domínio dos itens desse formidável equipamento não nos é ensinado (nem poderia) através do aprendizado da teoria de seu emprego. [...]. É claro que aprendemos as palavras que expressam os conceitos de muitas maneiras: mas sem recorrer ao que se poderia chamar instrução teórica. Não tomamos contato com essas palavras aprendendo qual o seu lugar numa teoria geral dos conceitos. O aprendizado recebido é rigorosamente prático e, em larga medida, feito de exemplos. Aprendemos em grande parte copiando e com correções ocasionais; como as crianças aprendem a falar gramaticalmente antes de ouvirem falar de gramática (STRAWSON, 2002, p. 20).

O que o filósofo londrino almeja é explicitar a ampla conexão que nosso pensamento possui em relação aos elementos teóricos e pré-teóricos. O sistema de uma análise gramatical deve ser amplo, com uma conexão tal que não seja possível isolar um termo, uma sentença ou paráfrase com vista ao apontamento de sua veracidade ou falsidade. Strawson resume assim sua perspectiva da filosofia como análise gramatical: “O meu ponto é extremamente simples: a aquisição dos conceitos teóricos das disciplinas especiais pressupõe e apoia-se na posse dos conceitos pré-teóricos da vida cotidiana” (STRAWSON, 2002, p. 38).

Frente à questão metafilosófica, a resposta de Strawson é: filosofar é analisar nossa gramática, a forma como articulamos a nossa linguagem; e esta como parte de nossa biografia, que abarca a religião, literatura, ciência e outras expressões. Com isso, podemos imaginar diferentes mundos, descrever diferentes tipos de experiências, mas a inteligibilidade intersubjetiva só é possível dentro de certos limites estruturais gerais. A investigação destas estruturas gerais de nossas experiências e do nosso pensamento sobre o mundo é o ponto fulcral da filosofia (STRAWSON, 2018, p. 3).

#### 4. CONCEPÇÕES MORAIS

Teorizar sobre a definição moral em Cassirer inicia-se com um problema, que é o

fato de Cassirer não ter escrito especificamente sobre a moralidade, ao menos não aos moldes que teóricos da responsabilidade moral tratam o tema. Portanto, é a esta breve descrição da questão e da pressuposição geral de Cassirer que nos concentraremos, sempre tendo em mente o ponto nuclear de nossa arguição, a saber, ambos os autores podem ser vistos como próximos a partir de suas justificações do fazer filosofia.

Em seu livro *An Essay on Man: An Introduction to a Philosophy of Human Culture*, Cassirer destaca a natureza do tema moral a partir da transposição de valores da esfera estritamente biológica-instintiva para as esferas *mitológicas e cosmológica*. Pode-se dizer que reside na esfera mitológica a ênfase introspectiva que é marca de uma antropologia como sistema geral do ser humano que busca conhecer a si mesmo dentro de um ambiente simbólico plural.

Yet there is no remedy against this reversal of the natural order. Man cannot escape from his own achievement. He cannot but adopt the conditions of his own life. No longer in a merely physical universe, man lives in a symbolic universe. [...] He has so enveloped himself in linguistic forms, in artistic images, in mythical symbols or religious rites that he cannot see or know anything except by the interposition of this artificial medium. His situation is the same in the theoretical as in the practical sphere (CASSIRER, 2021b, p. 25).

Para Cassirer, a questão moral, a questão prática sobre o que torna possível uma concordância entre os seres humanos, se gestam pela pergunta “o que é o ser humano?”. É através das formas como ele desenvolve seu entendimento do mundo e das razões que o engendram e das quais ele é um participante que a questão da responsabilidade pode ser vislumbrada.

Como descreve em *An Essay on Man*, a moral possui três estágios: o mimético, o analógico e o puramente simbólico. É no último estágio que o ser humano sai da esfera de participante das forças cosmológicas entendidas por uma identidade nominativa, ou seja, a partir da identidade entre o nome e o ser (CASSIRER, 2021a, p. 17), para a de criador de seu próprio mundo. É importante destacar que as três etapas não são excludentes, pois o mito nunca é totalmente eliminável da vida social. Neste sentido, não se trata de uma progressão, mas de uma multiplicidade axiológica inerente ao exercício do ser humano como um ser simbólico.

Cassirer aborda que há outras concepções morais também válidas como construções simbólicas. Dessa forma, a perspectiva ética kantiana é confrontada com a perspectiva de Cassirer: como uma ética racional universal, pode ser possível diante da diversidade epistêmica e axiológica?(FERNANDES, 2012, p. 120).

Assim, a forma pela qual o agente (self) interage com o mundo ao seu redor é através de uma forma puramente simbólica.

Na lição de Cassirer, a linguagem é o elemento comum no qual a vida social depende e se desenvolve. É o fundamento da organização da sociedade e a condição para a existência de acordos contratuais entre seus membros. Por esse enfoque priorizando a linguagem como base da comunidade, ele se opõe à concepção hegeliana da supremacia do Estado. De acordo com Cassirer, a linguagem está na base para que o indivíduo possa se tornar um ser livre e autorresponsável. (FERNANDES, 2012, p. 117).

O que Cassirer tem em mente é a moral como direito natural, como algo que garanta um direito fundamental, um princípio geral para múltiplas formas culturais. A

concepção geral central para Cassirer é a do direito à personalidade. É este direito à personalidade que problematiza a interação entre diferentes sujeitos, pois sempre estaríamos frente a um outro, cujos direitos de liberdade são garantidos não por um tribalismo, mas uma natureza que pressupõe que a cultura é universal, pois universal é o homem.

The right "to maintain and develop one's own personality" is the only human right that Cassirer explicitly defends, yet he obviously thinks there are more, for he says that "this fundamental right, the right to personality, includes in a sense all the others." It is clear that the right to personality as Cassirer conceives it would include elementary rights concerning the person's mind and body, namely, the right to life as human life. This would entail freedom from arbitrary. (KROIS, 1987, p. 169).

Críticas em relação à concepção da moralidade ou da natureza da responsabilidade a partir de Cassirer, tendo como pressuposto uma ética dos direitos humanos, podem ser levantadas, e de fato muitas questões permanecem abertas justamente pelo fato de que, para o autor alemão, a agência é retratada em seu caráter antropológico e a partir de elementos não empíricos dos nossos juízos valorativos. Mas, como ponto central, destaca-se a personalidade imbuída em seu mundo linguístico, a multiplicidade axiológica e a liberdade como forma de construção da cultura. Nisto, temos o que pode ser considerado a formação da questão moral, pois, para Cassirer, perguntar sobre a responsabilidade é o mesmo que questionar sobre qual é a estrutura da linguagem (símbolo) humana, sobre o que é o homem.

Para a filosofia analítica a questão da responsabilidade moral refere-se às formas pelas quais a censura e o louvor da ação podem ser válidos. E isso envolve, principalmente, a estrutura das nossas formas de justificação, o que está pressuposto na intersubjetividade entre agentes, e até mesmo o que é ser um agente moral. Com isso, o problema da responsabilidade moral transita entre: a) A descrição psicofísica inerentes às ações e b) A possibilidade de descrever a motivação do agente sem que isso seja redutível às descrições neurológicas. A segunda perspectiva pode ser resumida da seguinte forma: “há, para o agente moral, alguma possibilidade de agir de outro modo?”.

Strawson marcou uma ruptura dentro da discussão da responsabilidade moral não porque ele respondeu à questão, mas porque ele a inverteu. Logo na abertura de “Liberdade e ressentimento” o autor passa a questionar se haveria alguma possibilidade de verdade para uma *tese geral* do determinismo (STRAWSON, 2015a, p. 245). No restante do artigo, ele defende a impossibilidade epistêmica de estabelecer tal correlação, pois a ação e o nosso dispositivo linguístico moral pressupõem uma estrutura geral que consideramos primária a qualquer análise.

Mas, independentemente da resposta e da intrincada relação entre responsabilidade em seu sentido ordinário ou especializado (ciências cognitivas), o que pode ser colocado como a extensão metafilosófica do pensamento strawsoniano frente à questão moral é que a forma inicial desta questão não é sobre o que faz alguém ser responsável, mas, sim, a busca pela resposta a questão: “Qual é o nosso interesse pela moralidade?” (STRAWSON, 2015, p. 279). Como resposta, Strawson afirma que:

A única resposta à pergunta que se sugeriu até agora é esta: que a imaginação ética do indivíduo pode ser capturada ou inflamada por uma ou mais imagens

ideais da vida que precisam para a sua realização da existência de agrupamentos sociais, e que as organizações sociais como tais não poderiam existir na ausência de um sistema de demandas sociais dirigidas aos membros individuais desses grupos ou organizações. Eu apontei que essa resposta é demasiado imperfeita, que a interação entre o ideal ético e a obrigação social é mais intrincada do que ela sugere (STRAWSON, 2015b, p. 278-279).

Essa forma intrincada diz respeito à própria natureza lógica, epistêmica e ontológica subjacente à questão moral, que efetiva-se mediante a nossa capacidade intersubjetiva de inferir *agência* a outra pessoa, pois “aqui ao menos temos tipos de comportamento moral que são demandados aos homens enquanto homens, porque são demandados para e pelos homens enquanto homens” (STRAWSON, 2015b, p. 282-283, grifos do autor). Essa é a fórmula geral da questão, mas ela diz respeito a algo que é pressuposto geral de qualquer teoria que pretende tratar do fenômeno moral por conceitos gerais (de maneira objetiva).

#### 4.1 Síntese

Não obstante a estrutura geral pressuposta como um *télós ético* não seja suficientemente trabalhada, Cassirer pode ser visto como próximo de Strawson pelo fato de que a filosofia strawsoniana tem como tema principal a moralidade pelo homem e para o homem, e deste como envolto em imagens ideais de vida. É essa gênese da questão moral que os conecta, mesmo que tal trabalho seja muito impreciso e tênue. Com certeza, não é uma oposição e contrariedade dadas as características metafilosóficas de suas teorias.

Tentar teorizar sobre a dimensão moral do ser humano é, a partir de Cassirer, ter em vista que a dimensão prática é um espaço de formas simbólicas.

De modo semelhante, para Strawson, nossos juízos morais não são passíveis de redução formal, pois há uma dinâmica que se sustenta sob as virtudes da justiça e veracidade, que é plural e complexo.

Temos um outro modo de falar de nós mesmo e dos demais que nos é mais familiar, no qual nos referimos à ação e ao comportamento (no sentido comum dessa palavra), e não simplesmente a movimentos de membros, e no qual utilizamos livremente a linguagem das sensações, percepções, ideias, memórias, afirmações, crenças, desejos [...] (STRAWSON, 2008, p. 70).

Ao menos na fase inicial, ou antropológica e ordinária, ambos os autores possuem uma atitude liberal de *agência* em seu contexto simbólico, para Cassirer, Linguístico, para Strawson. Podemos afirmar que ambos os autores concordariam que a moralidade é parte de um compromisso do próprio homem enquanto homem e que... “Physical reality seems to recede in proportion as man's symbolic activity advances. Instead of dealing with the things themselves man is in a sense constantly conversing with himself” (CASSIRER, 2021b, p. 25).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cassirer e Strawson estão mais próximos do que distantes em suas posições filosóficas, e podem ser teorizados como complementares em relação ao tema da

moralidade. É digno de nota que nossa tese não reside na afirmação de que Cassirer influenciou Strawson, pois desconhecemos, até o momento, qualquer indicativo deste contato. Nossa conclusão indica que ambos possuem o mesmo ponto de partida metafilosófico, os mesmos tipos de oposição e uma visão plural de nossa conceitualização e desenvolvimento de saberes. Embora Cassirer não tenha tratado da moralidade de maneira sistemática, ou seja, das formas como responsabilizamos e censuramos pessoas, o fato de seu ponto de partida ser uma questão análoga à de Strawson indica que suas visões não são opostas quanto à natureza da prática filosófica após o idealismo absoluto e em relação às ciências da natureza.

Apontar as diferenças entre ambos os autores seria algo mais simples – partindo da ideia de que, por terem focos distintos e métodos dissemelhantes, nenhum diálogo pode ocorrer entre ambos – mas não seria o mais correto. No entanto, defender uma proximidade e complementaridade é uma tarefa árdua, pois exige um olhar panorâmico e histórico que é difícil de ser completamente abarcado por um único teórico, especialmente em um artigo. No entanto, por mais intrincado que seja o trabalho, é de extrema importância teórica compreender a filosofia analítica e a pesquisa sobre a responsabilidade moral como pertencentes às querelas de problemas em torno da ciência da natureza, ao ocaso do idealismo e à "crise da filosofia". Acreditamos que isso é necessário para não perder de vista que, antes de teorizar sobre a moralidade, é imprescindível ter o fundamento metafilosófico e metodológico muito bem compreendido e definido.

O que foi problematizado e argumentado no presente escrito não é, de modo algum, suficiente para definir o que é ou veio a ser o desenvolvimento da filosofia analítica até Strawson. Aqui, apenas se indicam as proximidades, mas muito mais precisa ser pesquisado para verificar até onde tal contato se estende.

## REFERÊNCIAS

- BEISER, P. OF P. F. C. *The Genesis of Neo-Kantianism, 1796-1880*. Oxford: Oxford University Press, USA, 2017.
- BRADLEY, F. H. (ED.). THE VULGAR NOTION OF RESPONSIBILITY IN CONNECTION WITH THE THEORIES OF FREE-WILL AND NECESSITY. In: *Ethical Studies*. Cambridge Library Collection - Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 1–52.
- CASSIRER, E. *An Essay on Man: An Introduction to a Philosophy of Human Culture*. New Haven: Yale University Press, 2021b.
- CASSIRER, E. *Filosofia das formas simbólicas, A - Vol. I – A linguagem*. Edição padrão ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021a.
- CHRISTIAN, K., Klaus. *Surgimiento y auge del neokantismo: La filosofía universitaria alemana entre el idealismo y el positivismo*. [s.l.] Fondo de Cultura Economica, 2021.
- FALKENBACH, T. Strawson e Kant. In: GELAIN, J. (ORGS.), Itamar Luís; CONTE (Ed.). *P. F. Strawson e a Tradição Filosófica*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 187–222.
- FERNANDES, V. Pensando a ética na perspectiva das formas simbólicas de Ernst Cassirer. *CONJECTURA: filosofia e educação*, v. 17, n. 3, p. 107–129, 2012.
- GLOCK, H.-J. Neo-Kantianism and analytic philosophy. In: STAITI, A.; DE WARREN, N.

(Eds.). *New Approaches to Neo-Kantianism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 59–81.

HACKER, P. M. S. *Wittgenstein's Place in Twentieth-century Analytic Philosophy*. 1 st ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

HAINES, N. Responsibility And Accountability. *Philosophy*, v. 30, n. 113, p. 141–163, abr. 1955.

HAMPSHIRE, S. Fallacies in Moral Philosophy. *Mind*, v. 58, n. 232, p. 466–482, 1949.

KROIS, J. M. *Cassirer – Symbolic Forms & History: Symbolic Forms and History*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1987.

PORTA, M. A. G. *Estudos neokantianos*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. 1 st ed. New York: Routledge, 2018.

STRAWSON, P. *Análise E Metafísica*. 1ª ed. São Paulo: Discurso, 2002.

STRAWSON, P. *Ceticismo e Naturalismo: Algumas Variedades*. 1a ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

STRAWSON, P. Liberdade e ressentimento. In: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Eds.). *Ensaio sobre a filosofia de Strawson: com a tradução de Liberdade e ressentimento & Moralidade social e ideal individual*. Florianópolis: da UFSC, 2015a. p. 245–269.

STRAWSON, P. Moralidade social e ideal individual. In: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Eds.). *Ensaio sobre a filosofia de Strawson: com a tradução de Liberdade e ressentimento & Moralidade social e ideal individual*. Florianópolis: da UFSC, 2015b. p. 272–289

STRAWSON, P. *Indivíduos: um ensaio de metafísica descritiva*. São Paulo: Unesp, 2019.

TECHIO, J. Strawson e Wittgenstein. In: GELAIN, J. (ORGS.), Itamar Luís; CONTE (Ed.). *P. F. Strawson e a Tradição Filosófica*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 187–222.